

DUPAS, G. (2001). *Ética e Poder na Sociedade da Informação*. São Paulo: UNESP, 135p.

*Celize Damico\**

O tema ética e da informação tem, atualmente, despertado grande interesse nas pessoas, pois diante dos grandes avanços atuais da tecnologia e da ciência, diversas questões emergentes precisam ser analisadas em busca de uma ética para os novos tempos.

A obra de Gilberto Dupas retrata a preocupação do autor com questões vigentes no cenário mundial deste começo de século, em que, conforme citação, *são ao mesmo tempo espetaculares e preocupantes os efeitos das novas técnicas* (p.18).

O autor pretende pesquisar uma ética que possa introduzir o dever onde tudo é poder: *Busco, neste livro, pesquisar uma ética para os novos tempos, necessária e possível, que possa introduzir o dever onde tudo é poder* (p.19).

Dupas é coordenador da Área de Assuntos Internacionais e membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Avançados — USP, membro do Conselho do CEBRAO, professor do FDC junto ao European Institute

---

\* Celize Damico é bacharel em Economia pelas Faculdades Metropolitanas Unidas e aluna do Curso de Pós Graduação Latu Sensu em Controladoria da Faculdade São Luís.

of Business Administration — INSEAD (França) e à Kellogg Graduate School of Management (EUA). É autor ou co-autor de quatorze livros na área de Política Econômica, entre os quais *Crise Econômica e Transição Democrática e Econômica Global e Exclusão Social*, sendo dois deles editados no exterior (EUA e Argentina).

Ele inicia a sua obra observando que, apesar de todos os avanços da tecnologia, o novo século começou em estado de inquietação, refletindo sobre as razões desta contradição: *Muitas são as razões para esse estranho paradoxo. O capitalismo global apossou-se por completo dos destinos da tecnologia, libertando-a de amarras metafísicas e orientando-a única e exclusivamente para a criação de valor econômico* (p.14). Para ele, a priorização da técnica em relação aos valores éticos teve como consequência uma maior concentração da renda e exclusão social e o perigo de destruição do meio ambiente pelo risco de contaminação ou manipulação genética, ameaçando o patrimônio comum da humanidade (p.15).

Além disso, ele menciona, também, a volta de problemas que já estavam controlados: *O mundo capitalista viu-se novamente a voltas com problemas que parecia ter eliminado: desemprego, depressões cíclicas, população indigente em meio a um luxo abundante e o Estado em crise* (p.13).

Dupas ressalta que não é contra o desenvolvimento, mas a favor da adoção de uma ética que contemple o bem estar de toda a sociedade (p.18).

Nos vários capítulos do livro (num total de oito), que é composto por artigos publicados em diversas circunstâncias, o autor dedica-se em aprofundar as consequências das transformações sociais e culturais causadas pelos vetores tecnológicos do capitalismo global, analisando como esse capitalismo poderá conviver com os choques futuros da automação, da tecnologia da informação e da biotecnologia, ao mesmo tempo em que questiona se os países centrais terão condições de manter o poder econômico em meio aos impasses na oferta de empregos e na distribuição de renda, causadores de desequilíbrios sociais.

No capítulo 1, *Capitalismo global e mito do progresso*, Dupas explica que a nova lógica do poder é baseada na confrontação e na competição, tendo como componentes fundamentais o controle da tecnologia de ponta, dos recursos essenciais e da força de trabalho. Ele procura demonstrar que é a liderança tecnológica que determina a condi-

ção hegemônica dos capitais e dos Estados que a detêm e que é por meio dela que são impostos os padrões gerais de acumulação, e se esta tiver a ampla disponibilidade de trabalho e de matérias primas está completada a condição de hegemonia (p.21).

No capítulo 2, O atual ciclo de acumulação e suas contradições, o autor faz uma análise do atual ciclo de acumulação e suas contradições, no qual demonstra a evolução mais recente do capitalismo mundial, mais precisamente a partir do fim da década de 60, onde os processos fordistas, que consolidaram a revolução Industrial, haviam reduzido fortemente os custos através da produção em série e a partir da Segunda Guerra Mundial, esse modelo, que antes era usado pelas grandes corporações americanas, havia se espalhado pelo mundo inteiro. (p.29).

Devido à expansão da acumulação gerada pela eficiência do novo modelo, como demonstra o autor, temos como consequência uma excessiva concentração do capital fixo em torno das linhas de montagem (p.29). Há mudanças profundas na organização do trabalho que levam à diminuição dos trabalhadores em tempo integral e à maior utilização de pessoal temporário (p.34).

No capítulo 3, Tecnologia da informação e hegemonia norte-americana, o autor demonstra que ao contrário do que se afirma, a excepcional posição dos Estados Unidos não pode ser considerada um paradigma para o resto do mundo, pois ela decorre de sua condição hegemônica, que na sociedade da informação se dá mediante a liderança em torno das redes, na qual as funções e os processos dominantes estão organizados.

A condição hegemônica dos Estados Unidos é comparada pelo autor a um enorme polvo: *a condição da hegemonia é tão impressionante que permite a metáfora de um enorme e competente polvo, com seus tentáculos fortemente agarrados na tecnologia da informação, a alimentar-se dos mercados globais* (p.46).

Ele ressalta que nas redes globais opera-se uma nova divisão internacional do trabalho que está mais baseada nas relações atributos/capacidades/custos de cada trabalhador que na organização e localização das tarefas. *Assim fica cada vez mais inviabilizada a estrutura coletiva de trabalhadores em detrimento das lógicas individuais e flexíveis* (p.44).

O autor conclui o capítulo reforçando que a combinação de fusões e aquisições inteligentes com alianças estratégicas permitiu aos Estados Unidos a consolidação de uma fase virtuosa que tem garantido a este país um longo ciclo de crescimento, desigual ao restante da economia global (p.48).

No capítulo 4, Sociedade espetáculo tecnologia e destruição, o autor destaca que embora a ciência e a técnica não parem de surpreender, a própria ciência começa a admitir que seus efeitos possam ser perversos. (p.49).

Na ótica do autor, há um enfraquecimento da instituição religiosa e o indivíduo encontra-se mais livre para negociar suas crenças (p.49).

Segundo Dupas, o paradoxo está em toda parte: a ciência é ao mesmo tempo hegemônica e precária e embora a capacidade de produzir mais e melhor não pare de crescer, o progresso traz consigo desemprego, exclusão, pauperização, subdesenvolvimento.

A produção econômica, conforme observa o autor, espalha sua ditadura, sendo que o consumo alienado torna-se para as massas instrumento de felicidade, um fim em si mesmo (p.52).

Em meio às turbulências, o autor identifica duas esperanças que parecem acalentar os sonhos dos homens: a primeira é a garantia da sobrevivência da espécie e a segunda é que no futuro uma grande parte dos seres humanos possa ter uma qualidade de vida semelhante ao cidadão médio norte-americano. Porém, não podemos ter nenhuma segurança sobre estas hipóteses, pois a primeira dependerá de um enorme esforço conjunto de toda a humanidade e a segunda tem toda a chance de ser uma falsa premissa, já que seriam precisos os recursos naturais de mais dois planetas Terra (p.55).

Por fim, conclui: *embora saibamos ter de preservar a velha mãe Terra, o único lar capaz de sustentar a vida, continuamos a destruir seus frágeis ecossistemas naturais, envenenar as águas e poluir o ar com o uso irresponsável da tecnologia* (p.56).

No capítulo 5, Liberalismo, individualismo e a armadilha da técnica, o autor inicia mencionando que: *O universo de três componentes — cidade, técnica, comunicação — governa cada vez mais os tempos sociais. Ele os artificializa de maneira crescente.* E que os valores que os antigos passavam às novas gerações como perseverança, curiosidade, flexibilidade são substituídos por velocidade, lógica e razão (p.59).

Para Dupas as pessoas que têm uma posição reflexiva são taxadas de ser contra o progresso: *Posições de cautela com relação a alimentos transgênicos, objeções éticas quanto aos imensos riscos da manipulação genética e reações contra o desemprego gerado pela a automação radical, tudo é encarado sistematicamente como posição reacionária de quem não quer o progresso* (p.61).

Segundo ele, são espetaculares e preocupantes os efeitos dos avanços das novas técnicas que rompem vários paradigmas, porém, na ausência quase total de reflexões e pesquisas sobre as consequências negativas dessas técnicas, pode-se colocar em risco o futuro do próprio capitalismo global, seja por colapso na empregabilidade, seja por severa restrição da demanda (p.63).

O capítulo 6, A busca de uma ética para os novos tempos, trata da busca de uma ética para os novos tempos: o autor adverte que os imensos custos sociais decorrentes na mudança nos padrões tecnológicos aparecem como inevitáveis (p.69). Ele explica que a enorme capacidade da ciência atual em gerar inovações e avanços tecnológicos a fizeram adquirir uma neutralidade que a coloca acima da moral e da razão: *Eles acabam unguídos com uma auréola própria, como se a técnica em si mesma contivesse os preceitos éticos para sua legitimação ou, no limite, pudesse garantir absoluta neutralidade* (p.70). Conclui que o progresso técnico não é determinista e nem são neutras as obras dos cientistas: *O saber não pode, enquanto tal, ser isolado de suas conseqüências* (p.75).

Para o autor houve um crescimento brutal dos poderes do homem que agora é sujeito e objeto de suas próprias técnicas, num momento de vazio de valores éticos e do desaparecimento das referências tradicionais. Há um privilégio do individualismo em detrimento do coletivo (p. 77). Desta forma, na análise do autor: *o desafio é como possibilitar na era dos homens “vazios”, voltados às escolhas privadas, a redescoberta de uma macroética, válida para a humanidade em seu conjunto* (p.77).

Ressalta a necessidade de uma nova teoria de responsabilidade que coloque o indivíduo como sujeito moral de sua conduta, centrando-se na humanidade frágil e perecível, ameaçada pelos poderes do homem que se tornou perigoso para si mesmo. Para o autor o nosso “saber-poder” transformou-se em potencial ameaça para a humanidade e passa a nos exigir “um poder sobre o poder”, pois devemos responder plena-

mente pela humanidade futura. Cabe a nós examinar, lúcida e responsabilmente, o poder das ciências e das técnicas modernas (p.82).

O capítulo 7, Pragmatistas e a distinção entre moral e prudência, como o próprio autor relata no prefácio do livro, foi escrito motivado pela sua angústia em saber que a ética impregnada por Kant e Platão exige a busca de um absoluto e de uma verdade, que se sabe nunca será alcançada.

Desta forma, como descreve Dupas, os pragmatistas não acreditam que existe um modo como as coisas realmente são, e, por este motivo, distinguem o meramente moral do meramente prudente, substituindo a distinção entre aparência e realidade pela diferença entre as descrições do mundo e de nós mesmos que são menos úteis e aquelas que são mais úteis. O sentido de utilidade está relacionado com a possibilidade de um futuro melhor, com mais coisas que consideramos boas e menos das que consideramos ruins (p.92).

O autor procura aprofundar essa visão no sentido de verificar sua contribuição na busca de uma ética para os novos tempos.

Como analisa o autor, *os filósofos pragmatistas nos fornecem uma perspectiva alternativa radical à visão da ética e da moral de Kant e Platão*, pois utilizam uma deliberada imprecisão, limitando-se a oferecer respostas vagas, esperando que o futuro os surpreenda e os estimule (p.92).

No último capítulo, A Sociedade e a legitimidade da ciência restauradas por uma nova hegemonia, o autor faz uma síntese do que procurou demonstrar nos capítulos anteriores (pp.99-106). Em seguida, menciona que a questão central é como regular o uso das técnicas decorrentes do conhecimento científico que, se submetidas unicamente ao interesse do capital e de sua acumulação, podem levar a efeitos sinistros e devastadores, sendo que o grande desafio é saber como a humanidade pode arbitrar esses caminhos (p.107).

Ele destaca que a principal dificuldade é a de definir quais são os papéis da sociedade civil e do Estado, na sociedade pós-moderna (p.107).

Na sua visão, o papel do Estado continua em fase de desmonte, no qual suas antigas funções já não são mais possíveis e as novas ainda não estão claras. Assim, Dupas questiona se cabe ao Estado ou à sociedade civil, por meio dele, definir os padrões éticos (p.108).

Dupas acredita que: *o conceito de sociedade civil precisa ser recuperado, radicalizado e ampliado, de modo a abranger os interesses das muitas*

*minorias e até de várias maiorias que não se sentem mais representadas pela estrutura política convencional* (p.120).

A obra de Dupas é um alerta à sociedade, no qual o autor procura demonstrar, ao longo dos vários capítulos, os contrates do progresso e as conseqüências negativas da maneira como ele está sendo conduzido, sendo que o desafio é a adoção de uma ética que se preocupe com as gerações futuras e o bem estar de toda a humanidade, utilizando os avanços da ciência em benefício da grande maioria dos cidadãos.

A obra ganha maior importância pelo fato de ser o autor um economista discutindo a questão da ética e alertando sobre a necessidade de se repensar o desenvolvimento econômico.